



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

**ANA LÚCIA MARQUES DOS SANTOS**

**EFEITOS DE SENTIDO NOS DISCURSOS MUDIÁTICOS EM MATÉRIAS  
JORNALÍSTICAS ON-LINE SOBRE ANSIEDADE DURANTE A PANDEMIA DA  
COVID-19**

**DELMIRO GOUVEIA - AL**

**2022**

**ANA LÚCIA MARQUES DOS SANTOS**

**EFEITOS DE SENTIDO NOS DISCURSOS MIDIÁTICOS EM MATÉRIAS  
JORNALÍSTICAS ON-LINE SOBRE ANSIEDADE DURANTE A PANDEMIA DA  
COVID-19**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora do curso de licenciatura em Letras, da Universidade Federal de Alagoas-UFAL, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Débora Massmann.

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Esp. Tatiana Weber Mallmann.

**DELMIRO GOUVEIA – AL  
2022**

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca do Campus Sertão**  
**Sede Delmiro Gouveia**

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S237e Santos, Ana Lúcia Marques dos

Efeitos de sentido nos discursos midiáticos em matérias jornalísticas on-line sobre ansiedade durante a pandemia da COVID-19 / Ana Lúcia Marques dos Santos. – 2022.  
38 f. : il. ; 30 cm.

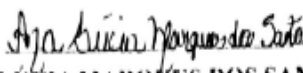
Orientação: Débora Raquel Hettwer Massmann.  
Coorientação: Tatiana Weber Mallmann.  
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2022.  
Bibliografia: f. 36-38.

1. Análise de discurso. 2. Efeitos de sentido. 3. Discurso midiático. 4. Ansiedade. 5. Pandemia. 6. COVID-19. I. Massmann, Débora Raquel Hettwer. II. Mallmann, Tatiana Weber. III. Título.

CDU: 81'322.5


## FOLHA DE APROVAÇÃO

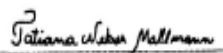
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.


  
ANALÚCIA MARQUES DOS SANTOS  
UFAL - Campus do Sertão


DATA DE AVALIAÇÃO: 18/02/2022

### BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Débora Massmann  
(Orientadora - UFAL)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Esp. Tatiana Weber Mallmann  
(Coorientadora – UNISC)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Ms. Rosângela Santos  
Examinadora Externa - SEDUC/AL

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Fabia Pereira da Silva  
Examinador Interno - UFAL

Delmiro Gouveia, 18 de fevereiro de 2022

### Dedicatória

A Deus, que me deu a oportunidade de fazer parte da UFAL, que me sustentou e me permitiu um olhar mais atencioso aos questionamentos sobre ansiedade sob o viés da Análise do Discurso.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, primeiramente, pelo dom da vida e pelas constantes bênçãos derramadas em toda a minha história.

À prof.<sup>a</sup> Dra. Débora Massmann pelo acolhimento como orientanda, por todo suporte e ensinamentos empreendidos em mim durante parte da graduação e, especialmente, durante a construção e escrita do TCC.

À prof.<sup>a</sup> Esp. Tatiana Weber Mallmann que, conjuntamente com a prof.<sup>a</sup>. Débora, foi fundamental durante todo o processo da pesquisa. Suas contribuições foram indispensáveis e tornaram a pesquisa melhor.

Aos professores componentes da banca de TCC, prof.<sup>a</sup>. Dra. Fábiana e prof.<sup>a</sup>. Ma. Rosângela, pela leitura minuciosa e ricas contribuições. Gratidão por aceitarem participar desse momento tão especial.

Aos professores do curso de Letras Língua Portuguesa da UFAL – Campus Delmiro Gouveia por todo aprendizado nesses anos de formação.

Aos colegas e amigos que, durante minha graduação, estiveram do meu lado, seja nos momentos felizes, seja nos momentos de crises de ansiedade.

## RESUMO

No ano de 2020, a população mundial foi surpreendida com a descoberta da COVID-19, enfermidade causada pelo novo coronavírus denominado de SARS-CoV-2. Nesse contexto, algumas emoções tornaram-se constantes, como medo, estresse e ansiedade, uma vez que, além de afetar a saúde física da população, a pandemia de Covid-19 impactou na saúde mental e no bem-estar de todos. Devido a isso, houve uma maior busca por termos relacionados à ansiedade nas mídias, o que explicitaria o interesse por compreender a enfermidade, suas características, sintomas e modos de superação. Posto isso, ao considerar a realidade do contexto pandêmico atual, o aumento exorbitante dos casos de crises de ansiedade na população brasileira e a constante busca por termos relacionados à ansiedade nas mídias digitais, nos propomos a analisar os efeitos de sentido produzidos em matérias jornalísticas online, veiculadas em portais de notícias brasileiros, acerca da ansiedade. Para tanto, nos embasamos nos pressupostos teóricos-metodológicos da Análise de Discurso (PÊCHEUX, 1996; MALDIDIER, 2014; FERREIRA, 2016; ORLANDI, 1995; 2005; 2010; 2012; entre outros), especialmente nas noções de condição de produção e de formação discursiva, e nos estudos sobre ansiedade (SERRA, 1980; VIANA, 2010; RAMOS, 2015; CASTILHO et al., 2000). Os discursos analisados foram: “Como lidar com a ansiedade: profissionais indicam práticas”, do portal GAL (2021); “Ansiedade e estresse: quem não “piorou” nesta pandemia?”, da Revista Ampla (2021); “Ansiedade e Depressão estão entre sequelas psicológicas da Covid-19, diz estudo”, do portal CNN Brasil (2021); e, por último, “Ansiedade: 7 dicas simples para fazer diminuir as crises”, do portal DOL (2022). A partir dos gestos de análise, identificamos que todas as publicações se propuseram, por meio de estratégias discursivas, a apresentar definições, explicações, sintomas e características sobre a ansiedade, principalmente no tocante ao contexto pandêmico atual, para uma melhor compreensão e contenção do problema. Além disso, observamos que as quatro publicações se filiaram às formações discursivas da ciência e se inscrevendo na posição-sujeito cientista, a partir da construção discursiva do saber perito, ou seja, aliando-se à formação discursiva da classe especialista da área. No mais, compreendemos que, embora pautadas em recomendações genéricas, as publicações adotaram o uso do imperativo como estímulo subjetivo para a realização de ações por parte dos sujeitos-leitores para controle dos estados ansiosos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise de Discurso; Ansiedade; Discurso midiático.

## RESUMEN

En 2020, la población mundial fue sorprendida con el descubrimiento de la COVID-19, una enfermedad causada por el nuevo coronavirus llamado SARS-CoV-2. En este contexto, algunas emociones se convirtieron en una constante, como el miedo, el estrés y la ansiedad, ya que, además de afectar a la salud física de la población, la pandemia de Covid-19 repercutió en la salud mental y el bienestar de todos. Debido a esto, hubo una mayor búsqueda de términos relacionados con la ansiedad en los medios de comunicación, lo que explicitaría el interés por conocer la enfermedad, sus características, síntomas y formas de superarla. Dicho esto, teniendo en cuenta la realidad del actual contexto pandémico, el aumento exorbitante de los casos de crisis de ansiedad en la población brasileña y la búsqueda constante de términos relacionados con la ansiedad en los medios digitales, nos propusimos analizar los efectos de sentido producidos en los artículos periodísticos online, emitidos en los portales de noticias brasileños, sobre la ansiedad. Para ello, nos basamos en los supuestos teóricos y metodológicos del Análisis del Discurso (PÊCHEUX, 1996; MALDIDIER, 2014; FERREIRA, 2016; ORLANDI, 1995; 2005; 2010; 2012; entre otros), especialmente en las nociones de condición de producción y formación discursiva, y en los estudios sobre la ansiedad (SERRA, 1980; VIANA, 2010; RAMOS, 2015; CASTILHO et al., 2000). Los discursos analizados fueron: “Como lidar com a ansiedade: profissionais indicam práticas”, del portal GAL (2021); “Ansiedade e estresse: quem não “piorou” nesta pandemia?”, de la Revista Ampla (2021); “Ansiedade e Depressão estão entre sequelas psicológicas da Covid-19, diz estudo”, del portal CNN Brasil (2021); y, por último, “Ansiedade: 7 dicas simples para fazer diminuir as crises”, del portal DOL (2022). A partir de los gestos de análisis, identificamos que todas las publicaciones propusieron, a través de estrategias discursivas, presentar definiciones, explicaciones, síntomas y características sobre la ansiedad, principalmente en relación al contexto actual de la pandemia, para una mejor comprensión y contención del problema. Además, observamos que las cuatro publicaciones se adscriben a las formaciones discursivas de la ciencia y se inscriben en la posición científico-sujeto, desde la construcción discursiva del conocimiento experto, es decir, aliándose a la formación discursiva de la clase experta del área. Además, entendemos que, aunque basadas en recomendaciones genéricas, las publicaciones adoptaron el uso del imperativo como estímulo subjetivo para la realización de acciones por parte de los sujetos-lectores para controlar los estados ansiosos.

**PALABRAS CLAVE:** Análisis del discurso; Ansiedad; Discurso de los medios de comunicación.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Pesquisa sobre ansiedade no <i>Google Trends</i> .....	13
<b>Figura 2</b> – Consultas relacionadas ao termo Ansiedade no <i>Google Trends</i> .....	13

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2. ANÁLISE DE DISCURSO .....</b>	<b>15</b>
2.1 Conceitos basilares da Análise de Discurso.....	17
<b>3. ANSIEDADE .....</b>	<b>21</b>
<b>4. ANÁLISE DOS EFEITOS DE SENTIDO EM MATÉRIAS JORNALÍSTICAS ON- LINE .....</b>	<b>26</b>
4.1 Das condições de produção à construção do corpus analítico.....	26
4.2 Gesto analítico dos efeitos de sentido em quatro matérias de portais jornalísticos brasileiros .....	28
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>36</b>

## INTRODUÇÃO

No ano de 2020, a população mundial foi surpreendida com a descoberta da COVID-19, enfermidade causada pelo novo coronavírus denominado de SARS-CoV-2. Essa nova variante é pertencente ao grupo viral responsável por alguns dos resfriados comuns, assim como por doenças mais graves, como, a título de exemplo, a Síndrome Aguda Respiratória Severa (SARS-CoV-1) e a Síndrome Respiratória do Oriente Médio (MERS-CoV). Com sintomas como febres, calafrios, tosse, fadiga, falta de ar, entre outros, que aparecem entre o segundo e o décimo quarto dia após a infecção (OMS, 2020).

No Brasil, o primeiro caso registrado do novo coronavírus se deu no mês de fevereiro de 2020, na cidade de São Paulo, em um homem de 61 anos recém-chegado de uma viagem à Itália. O primeiro óbito foi registrado alguns dias após a primeira contaminação, no dia 12 de março. Atualmente, segundo o Portal Coronavírus Brasil do Ministério da Saúde<sup>1</sup>, já são mais de 28.500.000 casos confirmados, com um total de mais de 645.000 óbitos. Ou seja, já são mais de 645 mil famílias em luto devido à pandemia de Covid-19.

É necessário destacar que, devido a atitudes governamentais, impactos sociais foram menosprezados e ridicularizados, repercutindo no controle e na implementação de medidas protetivas e mitigatórias. Em consequência, além da morte de centenas de milhares de brasileiros, os efeitos também se deram em nível econômico, social, político e histórico, uma vez que, segundo o Portal Fiocruz (2020),

A estimativa de infectados e mortos concorre diretamente com o impacto sobre os sistemas de saúde, com a exposição de populações e grupos vulneráveis, a sustentação econômica do sistema financeiro e da população, a saúde mental das pessoas em tempos de confinamento e temor pelo risco de adoecimento e morte, acesso a bens essenciais como alimentação, medicamentos, transporte, entre outros. Além disso, a necessidade de ações para contenção da mobilidade social como isolamento e quarentena, bem como a velocidade e urgência de testagem de medicamentos e vacinas evidenciam implicações éticas e de direitos humanos que merecem análise crítica e prudência (PORTAL FIOCRUZ, 2020).

É nesse contexto que, segundo Oliveira (2021), um considerável número de discursividades ganhou visibilidade, ao mesmo tempo “em que outras tiveram os seus sentidos reconfigurados ou atualizados” (p. 172). Termos como *lockdown*, quarentena, isolamento/distanciamento social, como outros, tornaram-se centrais nas discussões governamentais, políticas, pelos órgãos da saúde e pela sociedade em geral, sempre

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>.

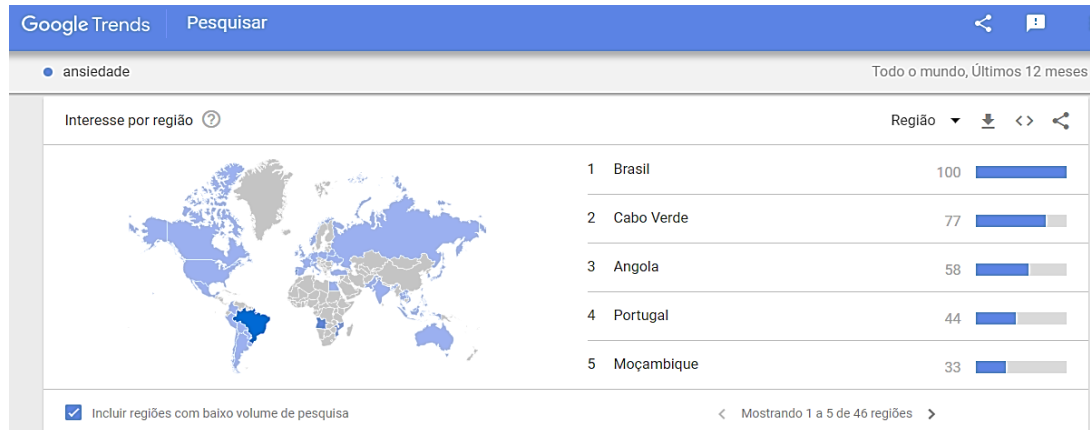
relacionadas a práticas de proteção contra a Covid-19, como uso de máscaras e a higienização das mãos.

Além disso, associadas a esse contexto pandêmico atual, algumas emoções tornaram-se constantes, como medo, estresse e ansiedade, “haja vista o receio dos indivíduos em se contaminarem e suas consequências, bem como o medo de perder familiares, renda, emprego etc.” (OLIVEIRA, 2021, p. 173). Para Nabuco, Oliveira e Afonso (2020), além de afetar a saúde física da população, a pandemia de Covid-19 impactou na saúde mental e no bem-estar de todos. Os impactos na saúde mental, segundo os autores, provavelmente terão maior prevalência na população do que a enfermidade viral, “cujas implicações econômicas e psicossociais podem ser incalculáveis” (p. 3).

É importante destacar que, de acordo com Galhardi (2019), no ano de 2019, o Brasil já sofria com uma pandemia de ansiedade, sendo o país com maior número de pessoas ansiosas, um total de 18,6 milhões, ou seja, 9,3% da população. No tocante à depressão, o país é o quinto maior em número de casos, afetando um total de 5,8% dos brasileiros. No entanto, devido à pandemia de Covid-19, os casos de ansiedade, medo e estresse foram asseverados, como demonstrado em pesquisa realizada pela Universidade do Rio Grande do Sul, nos meses de maio a julho de 2020, que revela que 80% dos brasileiros se tornaram ansiosos, ultrapassando a média mundial com índice de 30% de aumento (OLIVEIRA, 2021). Esses dados revelam a gravidade e a complexidade da situação no Brasil.

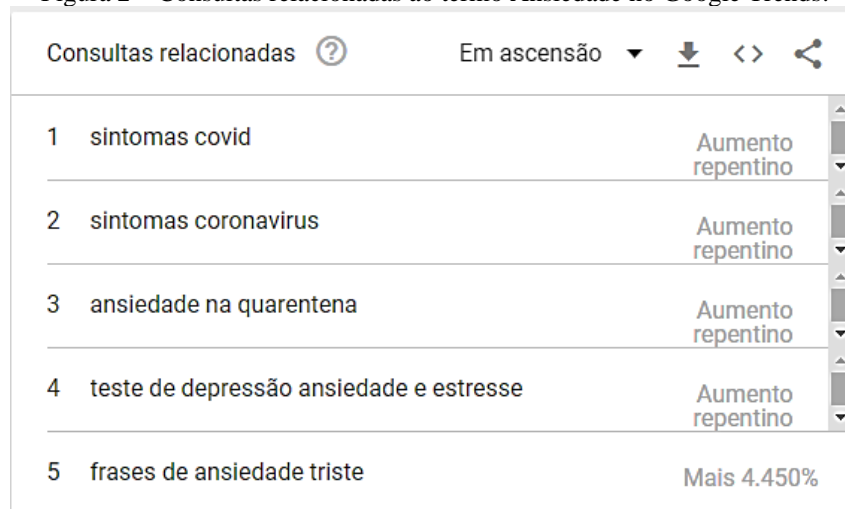
Nesse cenário, Oliveira (2021) demonstra que houve uma maior busca por termos relacionados à ansiedade nas mídias, o que explicitaria o interesse por compreender a enfermidade, suas características, sintomas e modos de superação. De acordo com o autor, os termos consultados foram “‘ansiedade na quarentena’, ‘teste de depressão ansiedade e estresse’ e ‘frases de ansiedade triste’” (p. 178). Para melhor elucidar, apresentamos ilustrações produzidas por Oliveira (2021) sobre a busca pelo termo ansiedade no Google Trends:

Figura 1 – Pesquisa sobre ansiedade no Google Trends.



Fonte: Oliveira, 2021.

Figura 2 – Consultas relacionadas ao termo Ansiedade no Google Trends.



Fonte: Oliveira, 2021.

Desse modo, ao considerar a realidade do contexto pandêmico atual, o aumento exorbitante dos casos de crises de ansiedade na população brasileira e a constante busca por termos relacionados à ansiedade nas mídias, nos propomos a analisar os efeitos de sentido produzidos em matérias jornalísticas on-line, - a saber, “Como lidar com a ansiedade: profissionais indicam práticas”, do portal GAL (2021); “Ansiedade e estresse: quem não “piorou” nesta pandemia?”, da Revista Ampla (2021); “Ansiedade e Depressão estão entre sequelas psicológicas da Covid-19, diz estudo”, do portal CNN Brasil (2021); “Ansiedade: 7 dicas simples para fazer diminuir as crises”, do portal DOL (2022) -, acerca da ansiedade no contexto pandêmico atual no Brasil, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso.

O presente trabalho está organizado do seguinte modo: o capítulo introdutório objetivou apresentar brevemente os motivos para a escolha do tema da pesquisa. Nele, também, discorreremos sobre o objetivo geral e os específicos que embasaram o desenvolvimento do estudo; no capítulo seguinte, arguimos sobre os pressupostos teórico-metodológicos da Análise

de Discurso, desde seu surgimento na década de 60, com Michel Pêcheux, na França, e seu amplo desenvolvimento no Brasil por meio do trabalho incansável de Eni P. Orlandi, como também discutimos os conceitos basilares da área. No terceiro capítulo, argumentamos sobre a ansiedade, com vistas a conceituá-la e caracterizá-la; no capítulo seguinte, analisamos os efeitos de sentido produzidos em matérias jornalísticas em sites brasileiros sobre ansiedade para, por fim, tecermos as considerações finais.

## 2. ANÁLISE DO E DE DISCURSO

Fundada na década de 60, na França, a teoria do discurso é fruto da articulação das três paixões de Michel Pêcheux, a língua, as máquinas e a política, com o objetivo de associar pressupostos teóricos com a realidade e a transformação social. Neste contexto, foi fundamental a Pêcheux entender os aspectos relacionados a autonomia do objeto da ciência da linguagem que “a colocam em um lugar logicamente estabilizado (SILVA, 2017, p. 26). Além disso, Pêcheux se encontrava em um contexto de grandes construções teóricas, como, por exemplo, as elaboradas por Chomsky, nos anos 60, “todavia, as teorias pós-saussarianas apesar de trazer a fala, o sujeito e outras categorias ainda estavam “presas” as considerações acerca da língua e do sujeito como independentes, dotados de autonomia no sistema linguístico (SILVA, 2017, p. 26).

O marco inaugural da Análise do Discurso deu-se com a publicação da obra “*Analyse Automatique du Discours*” de Pêcheux, tese que foi posteriormente publicada pela editora Dunod, no ano de 1969. A importância da obra está na exposição de conceitos fundamentais para a AD, uma vez que explicita a teoria do discurso como

“teoria geral da produção dos efeitos de sentidos, que não será nem o substituto de uma teoria da ideologia nem o de uma teoria do inconsciente, mas poderá intervir no campo dessas teorias [...] a AD de Pêcheux é pensada como ruptura epistemológica com a ideologia que domina nas ciências humanas (especialmente a psicologia)” (SANTOS, 2016, p. 37-38).

De acordo como Orlandi (2009), na década de 60, a Análise de Discurso constitui-se no entremeio de três campos do conhecimento, a saber, a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. A partir dos estudos linguísticos, compreendeu-se a não transparência da língua e que sua ordem está marcada pela materialidade “que lhe é própria” (ORLANDI, 2010, p. 13). Com o Marxismo, identificou-se que a história também tem sua materialidade, ou seja, “o homem faz história, mas ela não lhe é transparente” (ORLANDI, 2010, p. 13); por fim, com a Psicanálise, percebeu-se que o ser humano tem sua opacidade, ele não sendo transparente nem para si mesmo. Nas palavras de Orlandi (2010, p. 13), “são, pois, essas diferentes formas de materialidade – de não transparência – que vão constituir o cerno do conhecimento de cada um desses campos do saber”.

Se herdeira desses três campos do conhecimento, a AD não é submissa a eles, ao contrário, volta-se a estas desde uma perspectiva problematizadora, uma vez que interroga a Ciência da Linguagem pela historicidade deixada de lado em seus estudos; ao Materialismo

histórico, questiona-o pelo simbólico; “e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele” (ORLANDI, 2009, p. 20).

Deste modo, ao trabalhar na confluência dos três campos do conhecimento, desde uma perspectiva problematizadora, a Análise de Discurso, além romper com suas fronteiras, produz um novo campo de conhecimento, a partir de um novo objeto de estudo “que vai afetar essas formas de conhecimento em seu conjunto: este novo objeto é o discurso” (ORLANDI, 2009, p. 20).

Segundo Pimentel (2010) e Silva (2017), antes de tornar-se uma ciência piloto, três foram as fases sucessivas perpassadas pela AD, “a primeira fase marcada pela noção de maquinaria discursiva; a segunda caracterizada pela constituição do quadro epistemológico da AD e pela introdução de conceitos como formação discursiva e interdiscurso; e a última assinalada pela ideia de desconstrução teórica” (PIMENTEL, 2010, p. 18). É salutar destacar que, de acordo com Silva (2017), a AD possibilitou a abertura de margem para “o surgimento de outras disciplinas (pragmática, filosofia da linguagem, análise da conversação, etc.) do campo da Linguística (MALDIDIER, 2014) que também conceberão uma nova forma de se ler o texto/enunciado” (p. 28-29).

No Brasil, a Análise de Discurso se inicia com as práticas/experiências pessoais e acadêmicas da professora Orlandi, durante a década de 60. É importante destacar que, em 1969, após se deparar com os estudos desenvolvidos por Pêcheux, Orlandi define como seu objeto de pesquisa/estudo, “o político, a ideologia, os sentidos, os sujeitos se reuniam à língua e podiam fazer parte do dia a dia da reflexão sobre a linguagem” (ORLANDI, 2012, p. 17).

Inicialmente, devido ao contexto ditatorial brasileiro, período entre 1964 a 1985, Orlandi colocou-se a analisar os discursos pedagógicos e religiosos, principalmente no que diz respeito à tensão entre a paráfrase e a polissemia que também serviria como base tipológica dos discursos autoritários, polêmicos e lúdicos.

Embora estivesse investigando os discursos religiosos e pedagógicos, Orlandi (2012) reconhecia que, no contexto nacional, outras produções discursivas estavam fortemente presentes na sociedade. De um lado, a produzida pelo regime militar, marcada pela promulgação e criação do Serviço Nacional de Informações, órgão responsável por supervisionar as (contra)informações que circulavam pelo Brasil e no mundo; por outro lado, a produção discursiva da resistência, representada e produzida pela Frente Ampla, grupo responsável por reivindicações políticas.



Orlandi (2012) aponta que essas práticas discursivas, do golpe e da resistência, foram responsáveis pelo surgimento da Análise de Discurso no Brasil, uma vez que, de acordo com a autora, “a discursividade dominante suscita a necessidade de desvirar os discursos, de mostrar outros sentidos. De aprender a ler com outras palavras naquelas palavras. O que não podia ser dito fazia enorme pressão em nossos dizeres” (p. 19).

Ao discutir a conjectura atual da Análise de Discurso, Orlandi (2012) contextualiza a área como voltada para “questões que passam pela mundialização e os efeitos nas políticas dos estados nacionais, e pela noção de consenso, que é base da mistificação democrática” (p. 24). Segundo a autora, o discurso dominante atualmente é um discurso (neo)liberal, o discurso da mundialização. Embora o discurso da mundialização seja financeiro, está presente também em outros discursos, como o político, o jurídico, o da violência, o do ambientalismo, o do científico.

A partir desta compreensão, Orlandi (2012) realiza uma crítica a AD, uma vez que esta é fruto do efeito do “discurso liberal da ciência, o da mundialização e do consenso” (p. 27). Para a autora, ao se colocar na perspectiva que tudo é análise de discurso, houve uma diluição, fragmentação do objeto, como da teoria e do método. Desse modo, na AD se enfraquece a “sua noção de sujeito, de ideologia, de língua sujeita a falhas, de diferentes formas materiais significantes” (p. 27). A autora ressalta que não se pode reduzir a produção da AD atual a esta formação discursiva, mas, ao realizar uma análise da área, observou “alguns funcionamentos, próprios a esta formação discursiva, filiada à ideologia da mundialização e do consenso” (p. 27).

Sendo assim, Orlandi (2012) defende a área da AD frente ao revisionismo, perspectiva filiada ao liberalismo, o consenso, a democracia, diluição e indistinção próprios ao apagamento do político. Ou seja, como dito pela autora, “falar do político, apagando-se o político. Fim do político, fim da história, da democracia consensual e vontade de também produzir o fim... da análise de discurso pela sua multiplicação descaracterizante” (p. 35). Para a autora, o AD resiste à tentativa de apagamento/fim, porque “não fala apenas do político, ela o trabalha na discursividade. Não substitui ideologia por cultura, nem usa o materialismo só como adjetivo. Toma a materialidade simbólica e a materialidade da história, o seu real, como constitutivo da possibilidade mesma da análise” (p. 35).

## **2.1 Conceitos basilares da Análise de Discurso no Brasil**

Orlandi (2005) argumenta que existem diversos modos de estudar a linguagem, seja como sistema de signos ou de regras gramaticais, perspectivas adotadas pela Linguística, seja

como perspectiva que investiga as normas do bem dizer, campo de estudo da Gramática Normativa. Nas palavras da autora, “é justamente pensando que há muitas maneiras de se significar que os estudiosos começaram a se interessar pela linguagem de uma maneira particular que é a que deu origem à Análise de Discurso” (p. 15).

Desse modo, a Análise de Discurso preocupar-se-á com o discurso, como seu nome já indica. É salutar destacar que, embora não se interesse pelo tratamento da língua ou da gramática, ambos os conhecimentos lhe interessam. Para conceituar discurso, Orlandi (2005) inicialmente apresenta a etimologia da palavra que “tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento” (p. 15), posteriormente, define discurso como “palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (p. 15).

Sob essa perspectiva, observamos que, contrário à compreensão da língua enquanto sistema de signos, a Análise de Discurso centrar-se-á na compreensão da “língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (p. 15). A linguagem tornar-se-á “mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (p. 15). Essa mediação entre o homem e sua realidade se dará por meio do discurso, que possibilita “a permanência e a continuidade quanto ao deslocamento e à transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana” (p. 15).

Essa compreensão, segundo Orlandi (2010), vai além do entendimento do discurso como mera transmissão de informações (mensagem), mas, sim, como “efeito de sentidos entre locutores” (p. 14), o que proporcionaria um deslocamento da AD do terreno da linguagem como instrumento comunicativo. No mais, de acordo com a autora, há uma nova compreensão sobre o esquema elementar da comunicação, uma vez que se sai do comportamentalismo existente na relação entre os locutores, ou seja, o estímulo pergunta e resposta, no qual “alguém toma a palavra transmite uma mensagem a propósito de um referente e baseando-se em um código que seria a língua, o outro responde e teríamos aí o circuito de comunicação (ORLANDI, 2010, p. 14-15).

Na Análise de Discurso, essa relação estímulo-resposta entre os locutores já não é linear, já que “ambos estão sempre já tocados pelo simbólico” (ORLANDI, 2010, p. 15). Ademais, a língua não se resume a um código de transmissão da mensagem entre enunciador e destinatário. No tocante à transmissão, a autora afirma que

Não há, além disso, esta transmissão: há efeitos de sentidos entre locutores. Efeitos que resultam da relação de sujeitos simbólicos que participam do discurso, dentro de circunstâncias dadas. Os efeitos se dão porque são sujeitos dentro de certas circunstâncias e afetados pelas suas memórias discursivas” (ORLANDI, 2010, p. 15).

Desse modo, elementos que haviam sido postos à margem nos estudos da análise linguística – a saber, o sujeito e a situação-, tornam-se fundamentais para a AD. De acordo com Orlandi (2010, p. 15), esses elementos, sujeito e situação, “contam na medida em que são redefinidos discursivamente como partes das condições da produção do discurso”. Sendo assim, na Análise de Discurso, é salutar “relacionar o discurso com suas condições de produção, sua exterioridade” (p. 15).

Por condições de produção, Orlandi (2010) compreende como constituída pelo sujeito e a situação. Inicialmente, discutiremos o entendimento de situação para, em seguida, arguimos sobre sujeito para a AD. De acordo com Orlandi (2010), a situação pode ser pensada a partir de dois sentidos, o estrito e o lato. Para o sentido estrito, a situação é pensada nas circunstâncias da enunciação, ou seja, “o aqui e agora do dizer, o contexto imediato” (p. 15); o sentido lato se relacionada com “o contexto sócio-histórico, ideológico, mais amplo” (p. 15). É salutar destacar que, segundo a autora, essa separação é realizada apenas para fins de explicação, na prática são indissociáveis, uma vez que “em toda situação de linguagem esses contextos funcionam conjuntamente” (p. 15).

Para a Análise de Discurso, o sujeito não é empírico, é, sim, uma posição projetada no discurso. Em outras palavras, “há em toda língua mecanismos de projeção que nos permitem passar da situação sujeito para a posição sujeito no discurso” (ORLANDI, 2010, p. 15). Desse modo, o sujeito não é físico, aquele que funciona no discurso, mas é uma posição discursiva. Para a autora, isso acontece devido às formações imaginárias que norteiam todo discurso, em suas palavras, “a imagem que o sujeito faz dele mesmo, a imagem que ele faz de seu interlocutor, a imagem que ele faz do objeto do discurso. Assim como também se tem a imagem que o interlocutor tem de si mesmo, de quem fala, e do objeto de discurso” (ORLANDI, 2010, p. 15).

Além disso, Orlandi (2005) compreende a memória como elemento constitutivo das condições de produção que, relacionada ao discurso, assume o tratamento de interdiscurso e é definido “como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (p. 31). Ademais, para Orlandi (2010), “o interdiscurso é irrepresentável. Ele é constituído de todo dizer já-dito. Ele é o saber, a memória discursiva. Aquilo que preside todo dizer” (p. 18). Ele é que “disponibiliza dizerem que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2005, p. 31). Em outras palavras, de acordo com Orlandi (2005, p. 33),

O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do Interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em “minhas” palavras. No interdiscurso, diz Courtine (1984), fala uma voz sem nome.

Cada discurso é individual, pois ele se apresenta como aspecto da materialidade ideológica que só representa sentido para determinados indivíduos que se reconhece como pertencente à determinada formação discursiva. Analisar um discurso é analisar as categorias de sua construção, como pessoa, espaço e tempo. Dessa forma, a importância da AD está em entender e explicar como se constrói o sentido de um texto e como esse texto está articulado com a história e a sociedade que o produziu.

O funcionamento da ideologia, assim como também a interpelação dos indivíduos em sujeitos se dá pelo discurso, a interpelação ocorre por meio das influências históricas e pela conjuntura social que determina o discurso. Segundo Pêcheux (1995), o sujeito é sujeitoado ideologicamente, tornando-se produto de determinações históricas e sociais. Uma sociedade é uma formação ideológica, pois ela determina o discurso dos indivíduos por meio das conjunturas sociais, o sujeito, ao produzir o discurso, é influenciado pelos processos sociais, históricos e hierárquicos que fazem parte de uma determinada sociedade.

Por fim, na Análise de Discurso, o que interessa ao analista é o que o texto organiza em sua discursividade em relação à ordem da língua (ORLANDI, 1995). O texto é o local onde se desenvolvem os jogos de sentidos, trabalhos da linguagem, de funcionamento da discursividade. O texto é objeto de interpretação, é tarefa do analista compreender o sentido que ele produz e os sentidos que ele carrega. Assim, a análise não falará sobre o texto, mas sobre o discurso, ou seja, sobre os elementos que fazem o texto possuir significado.

Após discutirmos brevemente o pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso, a partir dos estudos formulador por Pêcheux, na França, e Orlandi, no Brasil, a seguir, discutiremos sobre a Ansiedade, desde seus conceitos, características e aspectos patológicos.

### 3. ANSIEDADE

O termo ansiedade apresenta várias definições nos dicionários, tais como: aflição, angústia, perturbação do espírito causada pela incerteza, entre outros. Sua etimologia é derivada da palavra grega *aghko* (ἄγχω) e refere-se “a estrangulamento, uma forma de sufoco ou opressão sentida por determinado sujeito (PEREIRA, 1997 *apud*. Oliveira, 2021, p. 174). Além disso, segundo Oliveira (2021), em latim, os correlatos da palavra ansiedade são os termos *anxietas* e *anxius*, que expressam sentido de “angústia, pouco à vontade, mente perturbada” (p. 174).

Segundo Viana (2010), existem descrições clínicas sobre estados ansiosos antes mesmo do nascimento de Cristo, em obras como a *Ilíada*, obra clássica grega escrita por Homero, datada do século VIII a. C. Embora não seja compreendida como patologia na *Ilíada*, os estados de medo e ansiedade eram descritos em razão à visita e intrusão dos deuses aos mortais. Como patologia, a ansiedade assume posição na literatura médica no fim do século XIX, tendo seu conceito atrelado ao conceito de neurose.

De acordo com Serra (1980), embora seja um termo bastante divulgado na linguagem comum, sendo empregado com diversas acepções, na língua portuguesa seu uso foi pouco frequente até a segunda metade do século XIX. Nas palavras do autor, “em tempos tão recuados como o século XII as palavras *afan e coyta* e *coytado* são consideradas seus sinônimos. No século XV, os termos *augustura* e *pressa* e, no século XVI, a palavra *estreita*, parecem terem-se revestido de idêntico significado” (SERRA, 1980, p. 93).

Conforme o Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde<sup>2</sup>, a ansiedade é compreendida como uma experiência humana com papel funcional no processo interativo com o meio ambiente. No entanto, pode apresentar-se como sintoma de várias doenças, sob a forma de estresse ou distúrbio psiquiátrico. É caracterizada como sentimento desagradável, vago e indefinido, acompanhado por sensações como frio na barriga, aperto no peito, coração acelerado, tremores, entre outros.

Nessa mesma perspectiva, Ramos (2015) define ansiedade como um sinal de alerta corporal, como estímulo de defesa natural contra ameaças, ou seja, é uma reação natural voltada à autopreservação. Embora não seja um estado corporal normal, é compreendida como uma reação normal em determinadas situações.

Castillo et al. (2000, p. 20, *apud*. OLIVEIRA, 2021, p. 176) caracterizam a ansiedade como “sentimento vago e desagradável de medo, apreensão, caracterizado por tensão ou

---

<sup>2</sup> Acesso em: <https://bvsalud.org/>.

desconforto derivado de antecipação de perigo, de algo desconhecido ou estranho”. Oliveira (2021), ao citar Serra (1980), aponta a ansiedade como doença constituída por completo conjunto de emoções, principalmente o medo, “a partir do qual outras emoções, como a angústia, culpa, vergonha, interesse-excitação, entre outras, podem se expressar” (p. 176). A partir do exposto, é possível compreender que medo e ansiedade são emoções indissociáveis, onde “um pressupõe o outro ou, mais do que isso, um se alimenta do outro” (OLIVEIRA, 2021, p. 176).

É importante destacar que, embora indissociáveis, essas emoções não são sinônimas, o que requer o estabelecimento de suas diferenças. O medo, segundo Oliveira (2021), ao se basear em Serra (1980), é compreendido como reação de defesa a algo anteriormente conhecido, ao contrário da ansiedade, que é reação ao que está por vir, algo vago, incerto, misterioso. Essa distinção é corroborada por Courtine (2016, p. 24, *apud*. OLIVEIRA, 2021, p. 176), quando este afirma que “o medo possui um objeto preciso; no medo sabemos o que nos ameaça, enquanto a ansiedade não, ou, antes, a ansiedade possui um tal objeto, mas se trata de um objeto que não conhecemos”. Em suma, Oliveira (2021) entende a ansiedade como “um receio, angústia, sentimento de indeterminação em relação a sua fonte ou causa, um medo não justificado, formado a partir das incertezas que povoam o desconhecido” (p. 176).

Para finalizar a discussão sobre a definição de ansiedade, apresentamos a caracterização proposta por Silva (2014, p. 41), que, de acordo com a autora,

A ansiedade é um estado emocional com componentes psicológicos e fisiológicos, que faz parte das experiências humanas (SADOCK; SADOCK, 2007). Situações adversas ou desagradáveis causam um desequilíbrio interno no organismo e provocam uma reação biológica e comportamental ao fator estressante (VIEIRA; PORCU; BUZZO, 2009). Dessa forma, considera-se a ansiedade responsável pelas adaptações do organismo às situações de perigo (SADOCK; SADOCK, 2007).

Além disso, segundo a autora, a ansiedade acomete a maior parte da população durante toda a vida; no entanto, as experiências vivenciadas por cada indivíduo são particulares, em outras palavras, “cada indivíduo a vivencia de um modo particular” (SILVA, 2014, p. 41).

Serra (1980), a partir dos estudos propostos por Henry Ey (1950), argui que a ansiedade se manifesta de dois modos, crise de grande e pequena ansiedade. O primeiro modo está caracterizado pelo sentimento que “o futuro parece ficar obscurecido para o doente e o presente mostra-se ameaçado e cheio de trevas. A sua existência é posta em questão desenvolvendo a sensação de que vai morrer. O infortúnio, a culpabilidade, o desespero agitam-se por todo o lado” (SERRA, 1980, p. 97). Nessa perspectiva, a ansiedade é compreendida e vivenciada de

forma extremamente perturbadora, onde a vida assume o sabor amargo, como o de um pesadelo (SERRA, 1980).

Ainda que apresente situações igualmente perturbadoras, a pequena ansiedade apresenta-se de modo menos grave, “nela, transparece a hesitação, a insegurança frente aos acontecimentos, o temor, a amargura, a lamentação de não poder modificar o passado, a resignação temerosa perante a catástrofe, a falta de coragem para ser capaz de reagir” (SERRA, 1980, p. 97).

Enquanto patologia, o transtorno de ansiedade generalizada é uma doença crônica, marcada por curtos períodos de remissão e com sofrimento durante vários anos. Além disso, “caracteriza-se por ter uma duração e intensidade maior que o esperado pra a [sic] situação, e além de não ajudar a enfrentar um fator estressor, ela dificulta e atrapalha a reação” (RAMOS, 2015, p. 10). Os sintomas são os mais diversos, desde tremores, inquietação, dor de cabeça, faltar de ar, suor em excesso, entre outros, podendo ocorrer durante vários dias ou meses.

Castilho et al. (2000), antes de conceituarem ansiedade como transtorno, compreendem ansiedade como sentimento que é “vago e desagradável de medo, apreensão, caracterizado por tensão ou desconforto derivado de antecipação de perigo, de algo desconhecido ou estranho” (p. 20). Esse medo e ansiedade se tornam patologia, segundo os autores, quando se apresentam de modo exagerado, desproporcional ao estímulo, ou quando é observado diferentemente do esperado para a faixa etária, interferindo na qualidade de vida, no conforto emocional ou no desempenho diário.

Nas palavras dos autores, “tais reações exageradas ao estímulo ansiogênico se desenvolvem, mais comumente, em indivíduos com uma predisposição neurobiológica herdade” (CASTILHO et al., 2000, p. 20). Como método de diferenciação entre a ansiedade normal e a patológica, os pesquisadores indicam avaliar o tempo de duração da reação, sua autolimitação e se está relacionada a algum estímulo momentâneo ou não.

Os transtornos de ansiedade, de acordo com os autores (2000), podem ser compreendidos como “quadros clínicos em que esses sintomas são primários, ou seja, não são derivados de outras condições psiquiátricas (depressão, psicoses, transtornos do desenvolvimento, transtorno hiper-cinético, etc)” (p. 20). Entre os quadros psiquiátricos, os transtornos de ansiedade são os mais comuns entre o público infantil e adulto, “com uma prevalência estimada durante o período de vida de 9% e 15%, respectivamente” (p. 20).

No grupo de crianças e adolescentes, alguns transtornos são mais frequentes, a saber, o transtorno de separação, com prevalência com média de 4% ou o transtorno de ansiedade excessiva ou o atual TAG, com prevalência média de 2,7 a 4,6. Para os autores, “os transtornos

ansiosos na infância e na adolescência apresentam um curso crônico, embora flutuante ou episódico, se não tratados” (CASTILHO et al., 2000, p. 20).

Na atualidade, devido a constantes desdobramentos e transformações nas relações e formas de convívio social, os transtornos de ansiedade aumentaram exponencialmente (Oliveira, 2021). De acordo com Courtine (2016, p. 22, *apud.* OLIVEIRA, 2021, p. 177), esse aumento significativo da ansiedade se dá

À medida que os perigos tornam-se mundiais, o medo foi se tornando global, e sua natureza parece ter mudado ao longo do caminho: um estado permanente de ansiedade individual e coletiva parece ter colonizado os espíritos e as sociedades ocidentais. Essa ansiedade é imprecisa, difusa, líquida, ou nebulosa [...].

Essa afirmativa pode ser compreendida a partir do estudo desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde em quinze países, que demonstrou que a ansiedade acomete um total de 7,9% da população mundial, com o Brasil estando no topo do ranking.

Durante a pandemia de Covid-19, tema discutido brevemente na introdução, houve um crescente número de pessoas que apresentaram sintomas de ansiedade, depressão e insônia no Brasil. De acordo com Abud (2021), nos meses de abril e maio de 2020, insônia foi o termo mais pesquisado no site Google. Além disso, houve o aumento de vendas de medicamentos farmacológicos como calmantes, antidepressivos e estabilizadores de humor. O aumento foi, em média, de 80% (ABUD, 2021).

Segundo Abud (2021), são três as causas responsáveis pelo aumento do nível de ansiedade nesse momento: o trauma, a situação de indefinição e desequilíbrios nos fatores que protegem a mente e aqueles que a estressam. O primeiro relaciona-se com o acometimento pelo vírus, a permanência na UTI ou o falecimento de pessoas conhecidas. Esses acontecimentos contribuem para “deixar o circuito de alerta do cérebro ativado por muito tempo depois do trauma” (n.p.).

A segunda causa é devido ao sentimento de insegurança frente à situação, uma vez que “nosso cérebro não gosta de sentir que não temos um plano ou o controle do que vai acontecer. A verdade é que não possuímos mesmo controle sobre diversas coisas no mundo, mas é importante ter a sensação de que algo está nas nossas mãos” (ABUD, 2021, n. p.). A terceira relaciona-se ao desequilíbrio nos hábitos diários que são protetores mentais, a saber, alimentação saudável, exercícios físicos, entre outros; e nos fatores estressores, a título de exemplo, a instabilidade financeira e de saúde.

Para Abud (2021), o desequilíbrio nos fatores protetores e estressantes propicia o aumento da produção corporal excessiva de adrenalina, como consequência, se inicia a



ansiedade, “que traz sintomas e sensações como: palpitação, respiração ofegante, músculos tensos, pele suada, pupila dilatada, tremores, intestino solto, dor de estômago, refluxo, desligamento da realidade [...]” (n. p.).

Por fim, é necessário destacar que, devido ao aumento de estresse e ansiedade, a Organização Mundial da Saúde disponibilizou algumas orientações para promover saúde mental. De acordo com Alegretti (2020), as orientações foram: controlar o acesso às informações disponíveis sobre o coronavírus; usar as redes sociais como aliadas; ser solidário às demais pessoas, principalmente às do grupo de risco; parar e se escutar, desde uma prática de voltar-se aos seus sentimentos e necessidades; reconhecer o trabalho dos profissionais da saúde, que trabalharam e trabalham na linha de frente contra a enfermidade; e, por último, espalhar histórias positivas sobre a pandemia, por exemplo, “como de pessoas que se recuperaram da Covid-19 e compartilharam essa experiência”.

Discorrido brevemente sobre a ansiedade, seus conceitos, características, orientações e práticas para a sua superação, no próximo capítulo, inicialmente, arguiremos sobre as condições de produção e como se deu a construção do corpus analítico para, posteriormente, realizamos os gestos de análise das matérias jornalísticas.

## 4. ANÁLISE DOS EFEITOS DE SENTIDO EM MATÉRIAS JORNALÍSTICAS ONLINE

### 4.1 Das condições de produção à construção do corpus analítico.

Antes de iniciarmos a análise das materialidades discursivas sobre os efeitos de sentido sobre a ansiedade em matérias jornalísticas produzidas em portais brasileiros, é fundamental compreendermos as condições de produção dos discursos selecionados para esta investigação. De acordo com Massmann (2021), no dispositivo teórico da AD, “a noção de condições de produção ocupa posição fundamental na medida em que envolve os sujeitos, a situação e a memória discursiva” (p. 97). Nesta mesma perspectiva, Orlandi (2002, p. 30, *apud*. MASSMANN, 2021, p. 97) argumenta que

A maneira como a memória “aciona”, faz valer, as condições de produção, é fundamental [...]. Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as consideramos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico e ideológico.

A partir das palavras da autora, compreendemos que, no sentido amplo, como condições de produção dos discursos analisados temos o surgimento da pandemia de Covid-19 e os impactos na sociedade global. Nas palavras de Massmann (2021), “elas [as condições de produção] compreendem toda a conjuntura histórica, econômica, social e ideológica do mundo globalizado frente a este cenário em que paira” (p. 97). O contexto pandêmico propiciou “a metaforização dessa ameaça global. Contagando não só as posições-sujeito, mas também as palavras, os sentidos” (ORLANDI, 2020, *apud*. MASSMANN, 2021, p. 97).

Com relação às condições de produção em sentido estrito, o contexto imediato, podemos situar as discursividades sobre a ansiedade nos discursos midiáticos. Como apontado por Oliveira (2021), os casos de ansiedade são cada vez mais recorrentes, “ao mesmo tempo que cresce a preocupação e a circulação do tema sobre o tema, sobretudo, por meio dos discursos midiáticos” (p. 180).

Além disso, o autor destaca a presença do tema em diversos meios digitais, tais como: “séries, telenovelas, cinema e telejornais, é pauta de programas de rádio e podcasts, está no desenvolvimento e uso de aplicativos específicos que visam fornecer formas para lidar com o fenômeno” (OLIVEIRA, 2021, p. 180). No tocante às mídias digitais, Oliveira (2021) discorre que a ansiedade “é frequente em discursos de usuários das redes sociais, é assunto de discussões dos principais portais de notícias”.

É importante destacar que, de acordo com Gregolin, em entrevista para Oliveira, Oliveira e Nogueira (2018, p. 215, *apud.* OLIVEIRA, 2021), a mídia se configura como um dos principais instrumentos de agenciamento e de produção de subjetividades, com vistas nos “discursos que nela circulam e as relações de saber-poder daí recorrentes, e parece ser por meio dela que as pessoas buscam se informar sobre a ansiedade, seus sintomas e diagnósticos” (OLIVEIRA, 2021, p. 179).

Nessa mesma perspectiva, Gomes (2003, *apud.* OLIVEIRA, 2021) compreende que a mídia e o jornalismo possuem papel fundamental para a “modelização da sociedade” (OLIVEIRA, 2021, p. 179), haja vista que “são espaços por onde os discursos terão seu ponto máximo de difusão (GOMES, 2003, p. 45, *apud.* OLIVEIRA, 2021, p. 179). No entanto, é salutar alertar que, “do ponto de vista de uma estratégia política global, os meios de informação funcionam como dispositivos de mobilização e integração das populações – portanto, como um tipo de administração ou gestão da vida social. É nesse contexto que se faz importante analisar as discursividades sobre a ansiedade nas mídias digitais, particularmente em portais de notícias brasileiros, em tempos da Covid-19.

Para a construção do corpus de análise, realizamos uma busca minuciosa no *Google Pesquisa* com o objetivo da produção de um levantamento das matérias jornalísticas publicadas em torno do tema durante o período da pandemia. A partir desse levantamento, adotamos um corte temporal dos resultados, entre o período de 2021 e 2022, uma vez que nos interessavam as matérias publicadas nos últimos meses. Por fim, realizado o corte temporal, selecionamos as matérias jornalísticas que, no corpo do texto, apresentavam conceitos, as características e propunham métodos e práticas para a superação da ansiedade.

Sendo assim, para compreender as discursividades que se produzem em torno da ansiedade no contexto pandêmico da Covid-19, foram selecionadas quatro publicações: “Como lidar com a ansiedade: profissionais indicam práticas” do Portal GAZ, de setembro de 2021; “Ansiedade e estresse: quem não “piorou” nesta pandemia?”, da Revista Ampla, com publicação em maio de 2021; “Ansiedade e Depressão estão entre sequelas psicológicas da Covid-19, diz estudo”, do Portal CNN Brasil, publicada em junho de 2021; e “Ansiedade: 7 dicas simples para fazer diminuir as crises”, do Portal DOL, publicada em janeiro de 2022.

Construído o *corpus* discursivo, por meio de um processo de análise e interpretação do discurso em relação com as condições de produção, é salutar transpor o texto para o discurso, ou seja, “explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeitos e sentidos” (ORLANDI, 2020, p. 26, *apud.* MASSMANN, 2021, p. 99). Desse modo, para compreender os efeitos de sentido nos textos, associamo-nos a noção de formação discursiva

que, como proposto por Orlandi (2002, p. 43, *apud*. MASSMANN, 2021, p. 99), “se define como aquilo que em uma formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada - determina o que pode e deve ser dito”.

Nesta perspectiva, Massmann (2021) compreende que se busca, nos estudos das formações discursivas, “promover um batimento constante entre descrição e interpretação (PÊCHEUX, 1990) de modo a observar o funcionamento argumentativo da língua a partir de palavras, expressões e proposições que se filiam a determinadas redes de memórias e de saberes” (MASSMANN, 2021, p. 99). Nesse gesto analítico, o texto/discurso é exposto a sua opacidade “a partir da relação entre o dito, o não dito e o a-se-dizer” (p. 99). Desse modo,

aceita-se ‘a inscrição da língua na história para que haja sentido. [Aceita-se] ao mesmo tempo que há real tanto da língua quanto da história, sendo o sentido já um gesto de interpretação e o sujeito a própria interpretação’ (ORLANDI, 1998, p. 75). Compreendemos assim, a espessura discursiva dos objetos simbólicos que produzem sentidos, inscritos em determinadas condições de produção, na relação com a exterioridade, filiados às formações discursivas, que, por sua vez, inscrevem-se em uma determinada formação ideológica, colocando em funcionamento as relações de força e de poder que são produzidas no discurso (MASSMANN, 2021, p. 99).

#### **4.2 Gesto analítico dos efeitos de sentido em quatro matérias de portais jornalísticos brasileiros.**

O primeiro gesto analítico que nos propomos é a respeito dos títulos das matérias jornalísticas, que são as seguintes: 1) “Como lidar com a ansiedade: profissionais indicam práticas”; 2) “Ansiedade e estresse: quem não ‘piorou’ nesta pandemia?”; 3) “Ansiedade e Depressão estão entre sequelas psicológicas da Covid-19”; 4) “Ansiedade: 7 dicas simples para fazer diminuir as crises”.

Inicialmente, identificamos que todas as publicações propõem caminhos e explicações para a compreensão da emergência da ansiedade no contexto pandêmico atual. Desse modo, desde os títulos, é possível perceber o reconhecimento da crise da Covid-19 como fator motivador para o aumento de casos de ansiedade, como exposto nos títulos 2 (Revista Ampla) e 3 (CNN Brasil). No mais, compreendemos que, na materialidade 2, relaciona-se a ansiedade com o estresse, “o que retoma o sentido da ansiedade como um fenômeno relacionado a outras expressões emotivas ou formas de sentir” (OLIVEIRA, 2021, p. 180). Na materialidade 3, há a articulação entre ansiedade e depressão, retomando o sentido da relação da ansiedade como fenômeno relacionado a outros sintomas psicológicos e neurológicos.

Além disso, como função de atrair e chamar atenção dos leitores, os demais títulos direcionam e antecipam à população brasileira possibilidades, em forma de receitas e/ou manuais, para uma melhor compreensão e contenção da ansiedade, a partir de estratégias

discursivas como: “dicas”, “como lidar”, “práticas”. Essas estratégias estão mais evidentes no corpo da matéria, por meio do processo de definição do conceito de ansiedade, as características, sintomas, etc. Como podemos ver nas materialidades seguintes:

SD1: O mecanismo de ansiedade ou pânico tem sintomas físicos como tensão muscular, palpitação, apreensão negativa, sintomas gastrointestinais e insônia. “Deitamos e a cabeça não para. A intensificação dos sintomas vem no momento em que estamos livres, que devemos relaxar”, ressalta Sehnem (REVISTA AMPLA, 2021).

SD2: Dor no peito, nó na garganta, agitação, medo, incapacidade de reagir... Tudo isso, muitas vezes, seguido de culpa por não conseguir cumprir tarefas básicas do dia a dia. [...] A ansiedade é uma sensação natural e pode ser benéfica, ao nos estimular a agir e a estar alerta. [...] Quando em excesso, no entanto, necessita de atenção, pois pode limitar a qualidade das nossas experiências, interferir em nossa vida pessoal e profissional e ter reflexos no funcionamento do nosso organismo (PORTAL GAZ, 2021).

Identificamos, em ambas as sequências discursivas, a apresentação de definições sobre a ansiedade, desde modos de entendê-la, interpretá-la e reconhecê-la a formas de alerta, alarme, manifestações físicas e mentais, dando características sintomáticas, “o que associa a ansiedade a algum tipo de doença” (OLIVEIRA, 2021, p. 182). Com um melhor desenvolvimento no corpo da matéria, que também discursivizam sobre dicas e orientações para controle e superação da ansiedade, as matérias jornalísticas tomam como base conhecimentos produzidos por médicos, psicólogos, especialistas e órgãos nacionais e internacionais de saúde.

SD3: Na edição desta quarta-feira (16) do quadro Correspondente Médico, do Novo Dia, o neurocirurgião Fernando Gomes comentou um estudo que mostra que ansiedade, depressão e outros sintomas psicológicos e neurológicos aparecem em pessoas infectadas pela Covid-19. A pesquisa ouviu 100 mil pessoas de 30 países que tiveram forma grave da doença (CNN BRASIL, 2021).

SD4: Na edição desta quarta-feira (16) do quadro Correspondente Médico, do Novo Dia, o neurocirurgião Fernando Gomes comentou um estudo que mostra que ansiedade, depressão e outros sintomas psicológicos e neurológicos aparecem em pessoas infectadas pela Covid-19. A pesquisa ouviu 100 mil pessoas de 30 países que tiveram forma grave da doença (PORTAL GAZ).

SD5: O psiquiatra Gustavo Sehnem, médico cooperado da Unimed Curitiba, explica que é natural estarmos mais ansiosos e angustiados, em razão de todos os acontecimentos ocasionados pela pandemia, mas o medo não pode paralisar a rotina. “Existe um limite do que é saudável e o que não é. E isso é subjetivo, não é determinado por um exame de sangue. Por isso que avaliamos a pessoa, como era, como está, a questão do humor, da ansiedade, se está se fechando, se isolando”, diz (REVISTA AMPLA, 2021).

Ao se inscrever no lugar da ciência, as quatro produções científicas produzem um discurso científico, materializado na forma de “um gesto político por excelência com consequências sociais muito relevantes” (ORLANDI, 2004, p. 129, *apud*. MASSMANN, 2021, p. 100). Desse modo, para sustentar sua tese sobre ansiedade e os impactos sofridos pela

pandemia da Covid-19, os portais se fundamentam discursivamente a partir do funcionamento da formação discursiva da ciência e “inscrevendo-se discursivamente como autoridade científica [...] [se colocando] em relação (e aponta) a outros discursos já realizados, imaginados ou possíveis” (MASSMANN, 2021, p. 100).

Além disso, compreendemos que o funcionamento discursivo das publicações está sustentado “nas (supostas?) ‘garantias que historicamente a cientificidade oferece’ à sociedade, valendo-se, para isso, do estatuto da ‘autoridade social’ da ciência” (OLIVEIRA, 2021, p. 186). Desse modo, identificamos que as matérias jornalísticas “se filia[m] à formação ideológica das ‘coisas-a-saber’ que entrecruzam proposições de universos ‘logicamente estáveis, suscetíveis de respostas unívocas (é sim ou não, é x ou y, etc.)’ (PÊCHEUX, 2008, p. 28)” (MASSMANN, 2021, p. 101).

Como arguido por Massmann (2021, p. 101), a ciência, enquanto prática social produzida por sujeitos, “também é afetada pela ideologia”. Desse modo, as matérias jornalísticas, ao discursivizarem desde uma posição-sujeito cientista,

“Reproduz[em] o discurso da autoridade científica (do pesquisador, do cientista, etc.) e apresenta[m] um argumento duplamente essencial: ‘porque o legitima no interior da comunidade científica – dando-lhe direito à voz, [...] [e] porque o legitima perante a sociedade como uma autoridade incontestável’ (PINTO, 1989, p. 47)” (MASSMANN, 2021, p. 101).

Sob mesma perspectiva, Oliveira (2021) compreende que, por serem apresentadas por especialistas e estudiosos da área, as discursividades assumem outro valor e importância, uma vez que “a posição ocupada no discurso pelo sujeito que possui um saber/poder que constitui a verdade (FOUCAULT, 2011, 2013a) é distinta a de outro sujeito sem formação específica ou a de um leigo no assunto” (p. 181). Assim, ao ancorar as explicações, recomendações e modos de superação da ansiedade para os sujeitos-leitores, baseadas em especialistas da área, os portais de notícias “assinala[m] a ancoragem desses discursos estrategicamente em um tipo de saber validado e socialmente reconhecido” (OLIVEIRA, 2021, p. 182).

Além disso, ao sustentarem as informações presentes nas materialidades discursivas em diversos especialistas e organizações internacionais de saúde, compreendemos que os portais reforçam a seriedade do trabalho com o tema, propiciando aos sujeitos-leitores maior confiabilidade, pois o exposto não está ancorado no senso comum, mas nas orientações dos especialistas, “mesmo que aquilo que seja dito não toma como base o senso comum, mas a orientação de especialistas, mesmo que seja feito uso de uma linguagem não científica, o que

pretende uma maior aproximação com os diferentes públicos e classes sociais” (OLIVEIRA, 2021, p. 182).

Essa perspectiva adotada pode ser compreendida, a partir de Orlandi (2005), como as relações de forças existentes no discurso, que são “constitutivas da posição-sujeito: afinal, o lugar do qual fala o sujeito é também integrante do seu dizer e materializa as relações de poder hierarquizadas na sociedade” (MASSMANN, 2021, p. 101). Nas palavras de Orlandi,

“o lugar a partir do qual o sujeito fala é constitutivo do que ele diz. Assim, se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar de aluno. O padre fala de um lugar em que suas palavras têm uma autoridade determinada junto aos fiéis etc. Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na ‘comunicação’. A fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno” (ORLANDI, 2005, p. 39-40).

Assim sendo, tem-se, nas materialidades discursivas, a produção de um saber perito, isto é, o saber dos profissionais que “conhecem de forma aprofundada o tema e suas especificidades e, ao recorrerem a essas fontes de experiência, são articuladas nesses discursos relações de saber e poder (FOUCAULT, 2013b), com vistas a produzir um sentido baseado na autoridade atribuída às informações veiculadas (OLIVEIRA, 2021, p. 182).

De acordo com Oliveira (2021) conjuntamente com esse saber científico e perito, outros enunciados são produzidos e evidenciados, “fornecendo ‘dicas’, ‘receitas’ ou ‘orientações’ cientificamente validadas, logo, mais confiáveis, seja na produção de diagnósticos ou nas estratégias indicadas para a produção do mal-estar” (p. 182). A seguir, analisaremos algumas dessas discursividades:

SD6: A especialista reforça que é necessário lidar com as preocupações de maneira mais prática. “Entender, olhar e agir, mas com ações efetivas. Solucionar o que é de seu alcance e tirar da mente a preocupação com o que não é de sua responsabilidade”, aconselha (REVISTA AMPLA, 2021).

SD7: 1) Consuma suco de acerola [...]; 2) beba chás relaxantes [...]; 3) Deixe seu prato colorido [...]; 4) Cuide das suas emoções” [...]; 5) Cuide do seu intestino [...]; 6) Cuide do seu sono [...]; 7) Movimente-se [...] (PORTAL DOL, 2022).

SD8: [...] ela recomenda atividades como pintura, crochê, jardinagem, atividade física, técnicas de respiração, música, entre outros. “São formas de trazer bem-estar e alívio, e alternativas para o comer, por exemplo. Quando introduzidos na rotina, são capazes de reduzir a frequência e intensidade das crises de ansiedade (PORTAL GAZ, 2021).

Aos analisarmos as materialidades discursivas, identificamos recomendações genéricas para a superação dos estados ansiosos. Sobre os modos de produção de enunciados, percebemos que, no tocante às escolhas lexicais, os portais de notícias predominantemente adotam os verbos no imperativo que, de acordo com Oliveira (2021, p. 183), “objetivam estimular o sentido de uma ação que deve ser realizada, a partir da qual a ansiedade pode vir a ser controlada”. Além

disso, segundo o autor, essa especificidade do uso dos verbos no imperativo, conjuntamente com a “proposta de uma ação do sujeito sobre si mesmo é frequente nos discursos de autoajuda” (p. 183).

Essa perspectiva discursiva da mídia a respeito de determinados temas, constitui, para o autor, um jornalismo de autoajuda. Na concepção de Freire Filho (2011, *apud.* OLIVEIRA, 2021, p. 183), esse jornalismo de autoajuda apresenta-se como produto midiático massivo “voltado à obtenção de ganhos imediatos, seja em matéria de adaptação social, seja de ascendência profissional” (OLIVEIRA, 2021, p. 183).

Fischer (2006, *apud.* OLIVEIRA, 2021) compreende que o viés prescritivo é característica constitutiva da mídia, uma vez que há nela discursos sobre como devemos proceder, ser e estar no mundo. Para Oliveira (2021), é justamente por estarem e comporem os espaços midiáticos é que esses discursos ganham maior força e são produzidos e reproduzidos socialmente. Nas palavras de Fischer (2006, p. 50, *apud.* OLIVEIRA, 2021, p. 184),

Assim, todas as ‘dicas’ médicas, psicológicas ou até de ordem religiosa ou moral, comunicadas através de inúmeros especialistas de todos esses campos do conhecimento, a respeito daquilo que devemos fazer com nosso corpo e nossa sexualidade, ao se tornarem presentes no grande espaço da mídia, não só ampliam seu poder de alcance público como conferem à própria mídia, ao próprio meio, um poder de verdade, de ciência, de seriedade (FISCHER, 2006, p. 50).

Além disso, nas materialidades discursivas identificamos constantemente o “imperativo do bem estar” (OLIVEIRA, 2021, p. 185), alicerçado em ideais de superação da ansiedade, por meio da convocação do otimismo, da positividade e da resiliência. De acordo com Oliveira (2021, p. 186), nos discursos prescritivos,

a resiliência ou superação no que se refere à ansiedade passam a se constituir como uma vontade de verdade, como postulado por Foucault, (2011) e comum nos discursos clínicos, científicos e, agora, também midiáticos, os quais sempre buscam se fundamentar a partir de uma lógica que possa sustentar o que é dito.

Essa vontade não está unicamente alicerçada nas formas e normas para enfrentar os sofrimentos, mas, também, “prescreve sobre a superação como elemento precípua para a produtividade” (OLIVEIRA, 2021, p. 186), visto que os impactos causados pela ansiedade refletem e comprometem a qualidade de vida dos sujeitos o que, conseqüentemente, afeta substancialmente o desenvolvimento econômico da sociedade. Para Oliveira (2021), os enunciados sedutores e as dicas com fácil execução, a partir de afirmações assertivas e imperativas, encetam nos sujeitos as “convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais” (PRADO, 2013, *apud.* OLIVEIRA, 2021, p. 186).



Essas convocações são compreendidas como práticas discursivas “que agem no sentido de requisitar aos sujeitos a ação em torno de determinadas orientações referidas na mídia” (OLIVEIRA, 2021, p. 186). Práticas essas que, baseadas em viés de orientação e suporte, “convocam os sujeitos a formatarem seus modos de viver, sentir e lidar no que diz respeito a questões do cotidiano, a fim de aperfeiçoar a sua existência conforme o regime da produtividade” (OLIVEIRA, 2021, p. 186).

Por fim, embora forneçam informações e compreensões sobre o crescimento exponencial da ansiedade no contexto pandêmico, demonstrando e requerendo atenção e cuidado frente a essa problemática, concordamos com Oliveira (2021, p. 186), quando este afirma que as matérias jornalísticas sobre a ansiedade, “mais do que refletir sobre, reiteram e produzem valor sobre o seu controle e superação, objetivo fácil e exequível, [...], construindo, por sua vez, subjetividades passíveis de administração, gerenciamento e transformação”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa se propôs a analisar os efeitos de sentido produzidos em matérias jornalísticas de portais brasileiros sobre a ansiedade no contexto da Covid-19, principalmente naquelas que explanavam sobre seu conceito, características, controle e superação. O empreendimento da investigação se deu a partir do crescente número de casos de estados ansiosos na pandemia e no aumento de buscas na internet sobre o tema.

Para tanto, ancoramo-nos nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso, que se fundamentam nos estudos materialistas da linguagem desenvolvidos por Pechêux (1969) e Orlandi (2005), especialmente nas noções de condição de produção e de formação discursiva. Para, a partir disso, analisar as sequências discursivas de quatro publicações de portais brasileiros, são elas: “Como lidar com a ansiedade: profissionais indicam práticas”, do Portal GAL; “Ansiedade e estresse: quem não ‘piorou’ nesta pandemia?”, da Revista Ampla; “Ansiedade e Depressão estão entre sequelas psicológicas da Covid-19, diz estudo”, do Portal CNN; e “Ansiedade: 7 dicas simples para fazer diminuir as crises”, do Portal DOL.

A partir dos gestos de análise, identificamos que todas as publicações se propuseram, por meio de estratégias discursivas, a apresentar definições, explicações, sintomas e características sobre a ansiedade, principalmente no tocante ao contexto pandêmico atual, para uma melhor compreensão e contenção do problema. Essas estratégias são evidentes, inicialmente, nos títulos das matérias com o objetivo de atrair e chamar a atenção dos sujeitos-leitores e, posteriormente, com maior evidência e detalhes no corpo da matéria.

Além disso, observamos que as quatro publicações se filiaram às formações discursivas da ciência e se inscrevendo na posição-sujeito cientista, a partir da construção discursiva do saber perito, ou seja, aliando-se à formação discursiva da classe especialista da área. Desse modo, por meio das sequências discursivas, os portais “acabam por se colocar como agentes confiáveis para as orientações fornecidas, situando-se como bússolas ao encontro de uma vida estável, determinando diagnósticos ao mesmo tempo em que ofertam antibióticos (tais como as ‘dicas’) para lidar com as situações” (OLIVEIRA, 2021, p. 187).

No mais, compreendemos que, embora pautadas em recomendações genéricas, as publicações adotaram o uso do imperativo como estímulo subjetivo para a realização de ações por parte dos sujeitos-leitores para controle dos estados ansiosos. A partir dos discursos e estímulos subjetivos, “são engendrados subjetividades passíveis de gerenciamento e administração, possuidoras de um poder sobre si mesmas, quais devem buscar se vincular a

emoções positivas e que produzam o bem-estar, mesmo em um cenário em nada propenso” (OLIVEIRA, 2021, p. 187).

Por fim, destaco meu aprendizado enquanto pesquisadora que, a partir das minhas vivências e experiências pessoais com a ansiedade, me propus a analisar esta problemática social desde a perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso. Meu objetivo foi, além de contribuir com a minha área de formação, demonstrar a importância de pesquisas que compreendam os efeitos de sentidos sobre transtornos psicológicos, aqui a ansiedade, em publicações de portais jornalísticos brasileiros.

## REFERÊNCIAS

ABUD, M. A. Ansiedade em tempos de Covid-19: será que ela vai embora após a vacina? **Veja Saúde**, 2021. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/blog/com-a-palavra/ansiedade-em-tempos-de-covid-19-sera-que-ela-vai-embora-apos-a-vacina/>>. Acesso em: 01 dez. 2021.

ALEGRETTI, L. Coronavírus: 6 dicas da OMS para controlar o estresse e a ansiedade. **BBC News Brasil**, 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-51959967>>. Acesso em: 05 dez. 2021.

CASTILHO, A. R. G. L. et al. Transtornos de ansiedade. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 22, p. 20-23, 2000.

GALHARDI, R. Brasil é o país mais ansioso do mundo, diz a OMS. **Portal UOL**, 2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/06/05/brasil-e-o-pais-mais-ansioso-do-mundo-segundo-a-oms.htm>>. Acesso em: 20 out. 2021.

MALDIDIER, D. "Elementos para uma história da análise do discurso na França". In: ORLANDI, E. et al (org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. 4 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

MASSMANN, D. DUELO DE TITÃS: A ARGUMENTAÇÃO EM TORNO DA HIDROXICLOROQUINA. In: MASSMANN, D; PIRIS, E. L. (Org.). **A ARGUMENTAÇÃO NOS DISCURSOS SOBRE A PANDEMIA DA COVID-19**. EDUFAL, Maceió, AL, 106p, 2021.

NABUCO, G.; OLIVEIRA, M. H. P. P.; AFONSO, M. P. D. O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental: qual é o papel da Atenção Primária à Saúde. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 42, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Informação básica sobre la COVID-10. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/es/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/question-and-answers-hub/q-a-detail/coronavirus-disease-covid-19>. Acesso em: 15 out. 2021.

PORTAL CNN BRASIL. Ansiedade e depressão estão entre sequelas psicológicas da Covid-19, diz estudo. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/ansiedade-e-depressao-estao-entre-sequelas-psicologicas-da-covid-19-diz-estudo/>>. Acesso em: 23 dez. 2021.

PORTAL DOL. Ansiedade: 7 dicas simples para fazer diminuir as crises. 2022. Disponível em: <<https://dol.com.br/noticias/elas/692933/ansiedade-7-dicas-simples-para-fazer-diminuir-as-crises?d=1#>>. Acesso em: 18 jan. 2022.

PORTAL FIOCRUZ. Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia. 2020. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

PORTAL GAZ. Como lidar com a ansiedade: profissionais indicam práticas. 2021. Disponível em: <<https://www.gaz.com.br/como-lidar-com-a-ansiedade-profissionais-indicam-praticas/>>. Acesso em: 27 de dez. 2021.

REVISTA AMPLA. Ansiedade e estresse: Quem não “pirou” nessa pandemia? 2021. Disponível em: <<https://revistaampla.com.br/ansiedade-e-estresse-quem-nao-pirou-nesta-pandemia/>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

OLIVEIRA, G. F. O discurso midiático sobre a ansiedade em tempos da Covid-19: prescrições, formas e normas. **Heterotópica**, v. 3, n. 1, 2021.

ORLANDI, E. Texto e discurso. Organon, Porto Alegre, **Rev. do Inst. Letras/UFRGS**, 1995.

ORLANDI, E. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 10 ed. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, E. Análise de Discurso. In: ORLANDI, E.; LAGAZZI-RODRUGUES, S. (Orgs). **Introdução as ciências da linguagem** – Discurso e textualidade. Pontes Editores, 2ªed., Campinas, SP, 2010.

ORLANDI, E. **Discurso em Análise**: Sujeito, Sentido, Ideologia. Campinas, SP, Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et. al] – 2 ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PIMENTEL, M. **Política e mídia em discurso**: análise de manchetes do jornal da assembleia legislativa de Alagoas. Maceió, EDUFAL, 2015.

PIOVESAN, A. M. W. ET ALII. A ANÁLISE DO DISCURSO E QUESTÕES SOBRE A LINGUAGEM. **REVISTA X**, v. 2, p. 1-18, 2006. Porto Alegre: Jambô, 2013.

RAMOS, W. G. **TRANSTORNOS DE ANSIEDADE**. Trabalho de Conclusão de Curso, EBRAMEC – Escola Brasileira de Medicina Chinesa, 2015.

OLIVEIRA, G. F. O discurso midiático sobre a ansiedade em tempos da Covid-19: prescrições, formas e normas. **Heterotópica**, v. 3, n. 1, 2021.

SANTOS, A. “#Somostodosmacacos”. **O preconceito racial no futebol: discurso e memória**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

SERRA, A. S. V. O que é ansiedade?. **Psiquiatria Clínica**, 1 (2), p. 93-104, 1980.

SILVA, M. M. J. **Avaliação da ansiedade de depressão na gravidez**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais, 2014.

SILVA, S. B. **A mulher no discurso da publicidade e os efeitos de sentido para a promoção do Capital**. Dissertação (mestrado em Letras e Linguística: Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

VIANA, M. B. **Mudanças nos conceitos de ansiedade nos séculos XIX e XX; da “Angstneurose” ao DSM-IV.** Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade Federal de São Carlos, 2010.